

CONSTRUÇÃO DE UMA AMBIÊNCIA FORMATIVA COMO DISPOSITIVO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA

Fernando Moreira Falcão Neto¹
Luiz Botelho Albuquerque²

RESUMO

Este trabalho apresenta discussão inicial sobre a estruturação do dispositivo de pesquisa desenvolvido para uma pesquisa (auto)biográfica sobre iniciações musicais em Fortaleza. A partir da pesquisa (auto)biográfica, questiona-se os procedimentos de pesquisas utilizados para a investigação da construção dos processos subjetivos de agentes culturais. Com o uso do Círculo Reflexivo Biográfico (CRB), procedimento de investigação proposto pelo grupo de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), elaborou-se uma ambiência formativa para possibilitar a criação das narrativas de formação musical de estudantes e egressos de escolas públicas. Apresenta-se um resumo da proposta elaborada e discute-se o seu desenvolvimento a partir de dados produzidos no início da realização em campo.

Palavras-chave: Pesquisa (auto)biográfica, Dispositivo de pesquisa, Ambiência formativa, Iniciações musicais, Círculo Reflexivo Biográfico.

INTRODUÇÃO

O que provoca a escolha por um fazer? Melhor, o que provoca a escolha por fazer arte? Ostrower (1987) afirma que, para o ser humano, criar é próprio ao viver, tão necessário quanto respirar. No entanto, ao contrário do ato de respirar que é uma função fisiológica e, portanto, organicamente fluídica, o ato de criar exige inserção e trabalho cultural. É essa inserção que constitui como sentimos, percebemos e significamos o mundo do qual fazemos parte. A necessidade primeira é tomar parte deste mundo e tornamo-nos construtores do que nos constitui. O único caminho para isso é comunicar.

Bourdieu (2012) compreende a constituição dos nossos modos de agir como uma incorporação cultural, a qual denomina como *habitus*. Contudo, longe de ser uma determinação, o *habitus* se constitui como uma rede de possibilidades à ação. Essa rede seria configurada a partir dos acessos culturais possíveis a um agente social. Desta forma, quanto a mais campos um agente tem acesso, maior será o seu repertório referencial e mais recursos culturais terá para lidar com contextos complexos. Podemos, portanto, concluir que o alargamento dos *habitus* é possibilitado pelo intercâmbio que os agentes promovem entre diferentes campos.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

E-mail: fernandofalcao@multimeios.ufc.br

² Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Orientador desta pesquisa. E-mail: luizbotelho@uol.com.br

Bourdieu e Ostrower convergem ao perceberem que, apesar de termos as nossas percepções, pensamentos e sentimentos construídos e limitados por uma dada estrutura social historicamente localizada, cabe ao sujeito direcionar a sua ação no mundo, tornando-se um ser agente (BOURDIEU, 2012) e um ser formador (OSTROWER, 1987). O primeiro autor afirma que é necessário desvelar a experiência, desencantar e isso só é possível à medida que se compreende “o campo com o qual e contra o qual cada um se fez” (BOURDIEU, 2005, p.40). O olhar direciona-se para a estrutura na qual o agente se constitui, é uma visão de fora pra dentro. Ostrower (1987) compreende que o movimento seja contrário, de dentro para fora, é a forma como a experiência é ordenada internamente que direciona a ação exterior. A agência se constitui a partir da busca por dar forma e sentido a si mesmo.

Neste ponto, regressamos às nossas perguntas de partida. Bondía (2015) acredita que só aprendemos alguma coisa, verdadeiramente, pela experiência. O que vai além de ser submetido a uma sucessão de atividades, informações e fatos. A experiência só ocorre quando o acontecimento nos atravessa e se interioriza. No estado de total vulnerabilidade a esse acontecimento que se dá no nosso interior, criamos significações e encontramos o nosso próprio dizer. Sem se limitar a filiações ou compromissos com os outros. Significamos a partir do encontro da nova experiência com as memórias que nos constitui. A formar, assim, um rearranjo entre as experiências, em um processo, contínuo, de figuração e refiguração (RICOUER, 1994).

Desta forma, podemos sim, recorrer a narrativas de si para observarmos como os agentes responderam às configurações culturais com as quais se depararam. Contudo, mais que o *habitus* possível no interior de diferentes campos, nos questionamos sobre a constituição do modo de agir dos agentes diante de diferentes *habitus*. Por que desejam desenvolver determinados *habitus*, enquanto não se mobilizam ou mesmo recusam outros? Compreendemos que os agentes não se constituem de forma independente das estruturas nas quais estão inseridos, mas a busca por diferentes possibilidades de ação e o modo de associá-las entre si é um manejo particular das formas encontradas nos campos. Assim, direcionamos o olhar a questionar sobre a constituição desse comportamento dialético, ou seja, sobre os processos de apropriação do exterior e a sua tradução em atos individuais (FERRAROTTI, 2010, p. 44).

Mas, o que faz alguém desejar ser artista? O ambiente escolar pode nos auxiliar a desenvolver habilidades e a construir desejos. Podemos perceber uma aptidão em determinada disciplina, começar a desenvolver um gosto e a projetar possibilidades à nossa ação. Sobre o ensino de artes no Brasil, Coopat e Azevêdo (2012), ao analisarem as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1971 e de 1996, indicam o trabalho árduo de professores-

artistas, de diferentes linguagens, para inserirem nas instituições a compreensão do campo artístico como área de conhecimento autônoma.

No Ceará, a Universidade Federal do Ceará (UFC), a Universidade Federal do Cariri (UFCA), a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e o Instituto Federal de Ciências e Tecnologias do Ceará (IFCE) ofertam licenciaturas em música. Isso indica a existência de profissionais habilitados para o ensino musical na educação básica. Em sua dissertação de mestrado, Silva (2016) investigou sobre a experiência de formação e prática musical elaborada pelo grupo coral Phyllos. Formado por estudantes da Escola Estadual de Ensino Profissional (EEEP) Júlia Giffoni, o coral é especializado em música cearense. Os estudantes pesquisam a produção de artistas locais e articulam parcerias com estes profissionais para a montagem de espetáculos cênicos musicais. A formação proposta a estes estudantes se constitui não apenas como aperfeiçoamento técnico, mas também, como processo de investigação e reflexão, o que os provoca a se posicionarem, criticamente, no campo musical local.

Diante à proposta formativa e estética do grupo Phyllos, demos um passo para atrás e nos questionamos não sobre a construção do *habitus* musical do grupo, mas sim sobre como os estudantes chegaram até lá. Nossa pergunta de partida tornou-se: como estes estudantes descobriram que poderiam fazer música? Percebemos que a crença nessa possibilidade seria o motor para os direcionamentos dados à essa vontade. Assim, pretendemos realizar um estudo de contexto sobre as possibilidades de iniciação musical na cidade.

Como abordagem teórica e posicionamento epistemológico, elegemos a pesquisa (auto)biográfica por compreender que a abordagem permite que o sujeito observe e se aproprie das suas próprias experiências vivenciadas coletivamente, a refletir e a prospectar a sua ação no interior do campo onde constitui a sua prática (ASHIVIF, 2016). Para ir a campo e para a elaboração das narrativas autobiográficas, recorreremos ao Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) como dispositivo de pesquisa.

Proposto por Olinda (2010) e o grupo de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), o CRB possibilita a estruturação da investigação como pesquisa-formação. Elaborado com referência nos círculos de cultura de Paulo Freire, nos ateliês biográficos de Delory-Momberger e nas dinâmicas grupais de Josso, o dispositivo se configura como proposição formativa. Dialogicamente, a aprendizagem sobre si e sobre o mundo se dá, não apenas no ato de narrar sobre si, mas também no gesto de escuta à história do outro. Como objetivo deste trabalho, pretendemos discutir a ambiência formativa elaborada para o desenvolvimento do dispositivo com 4 coralistas e uma ex-professora estagiária do grupo Phyllos. Os participantes possuem faixa etária de 15 a 25 anos, todos, como também os

responsáveis legais dos menores de 18 anos, foram informados dos procedimentos adotados e assinaram termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Em setembro de 2019, esta pesquisa recebeu parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da UFC.

DESENVOLVIMENTO

Em busca da comunicação, criamos formas não apenas para dizer o mundo, mas para criá-lo. Ao darmos formas ao exterior, formamos a nós mesmos. Assim, nos caracterizamos como seres formadores:

[...] Em cada ato nosso, no exercê-lo, no compreendê-lo e no compreender-nos dentro dele, transparece a projeção de nossa ordem interior. [...]. Nessa busca de ordenações e de significações reside a profunda motivação humana de criar. [...] só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando. (OSTROWER, 1987. p. 8-9)

Cada ato corriqueiro, como girar a cabeça para um lado e para o outro antes de atravessar a rua, é uma forma, um modo de agir criado no interior de um contexto cultural. Incorporamos essas formas e as tornamos como modos espontâneos da nossa ação. Mas, longe de serem naturais, as formas ocorrem imbricadas às possibilidades históricas de um dado tempo. A necessidade de olhar os dois lados da rua antes de atravessá-la implica um modo de usar o corpo para interagir com uma determinada configuração do tempo e do espaço. Desta forma, ao referenciarmos a nossa percepção com os valores culturais vigentes, agimos e sentimos historicamente. Contudo, Ostrower (1987) percebe que, localizado histórica e socialmente no tempo, o humano pode reformular as intenções do seu fazer, como projeto de si mesmo. As ações são direcionadas por uma intenção constituída a partir das vivências individuais. É na nossa própria história que encontramos os sentidos para o nosso agir.

Como já discutimos, Bourdieu (2012) denomina esse movimento de ser formado e formar o mundo ao seu redor como *habitus*, o qual se constitui no interior de um campo social estruturado por subcampos. Circulando por diferentes subcampos sociais, aprendendo e interferindo nos *modus operandi* de cada um, o agente transforma não apenas a si, mas, com a sua ação, transforma a configuração do próprio campo. Histórica e socialmente localizado, cabe ao agente cultural constituir os seus referenciais éticos e políticos para sentir, significar e lidar com as possibilidades culturais com as quais se depara. Podemos compreender os campos familiar e escolar como os primeiros construtores de *habitus*. A partir deles os agentes devem assumir, com autonomia, a responsabilidade por construir os seus próprios referenciais

éticos. Em diálogo com esses referenciais, os agentes buscam se inserirem em diferentes subcampos sociais para aprenderem as formas legitimadas no interior destes. Tal aprendizado possibilita que o agente seja reconhecido como autorizado a agir no interior desses subcampos e, desses lugares, interferir na configuração do campo social. Desta forma, o *habitus* não se torna uma vestimenta, mas uma sobrepele forjada para aparentar uma pretensa naturalidade orgânica.

Repetimos: o *habitus* não representa a conformidade de reprodução curricular de um determinado modo de agir. Por compreendê-lo como constituído pelo intercâmbio entre diferentes subcampos sociais, cada um com a sua própria autonomia, o percebemos como elemento dinamizador que possibilita a reconfiguração dos sub, como também, do campo social. O primeiro intercâmbio se daria entre sistemas familiares distintos. É o contato com a pluralidade das possibilidades de *habitus* que permite, ao agente cultural, particularizar a sua visão de mundo e criar, em diálogo com os que o antecede e os seus contemporâneos, o seu próprio modo de agir. Destacamos a nossa compreensão sobre a dialogicidade desse processo.

Com isso, percebemos que as pistas sobre a construção da autonomia de um subcampo social está não em um *habitus* comum que este apresentaria, mas na história dos processos formativos de cada agente que o constitui. Com esta perspectiva, como abordagem teórica e posicionamento epistemológico, elegemos a pesquisa (auto)biográfica por compreender, de acordo com Ferrarotti (2010), a narrativa autobiográfica como relato de uma *práxis* humana. Para o autor, o particular pode ser interpretado como “síntese vertical de uma história social” (idem, p. 44). É no processo de constituição da *práxis* particular que se tece a subjetividade, ou seja, são forjados os gostos, desejos e projetos. Assim, propomos um processo investigativo, no qual há uma imbricação entre o pesquisador e o contexto observado, o que se constitui como uma interação recíproca para a elaboração de uma ciência do particular e do subjetivo.

Para Ricouer (1994), o nosso mundo de sentidos se constrói pelo ato de narrar. Tudo é texto, tudo é invenção. O real, com os seus sentidos compartilhados, seria inventado na interação comunicativa. O ser humano age a partir da necessidade de compartilhar significados. A narrativa seria o gesto primordial de tomar parte do mundo. Para o autor, este movimento integrativo se constitui com três processos miméticos: a pré-figuração, a configuração e a refiguração. Nesta perspectiva, as mimeses são compreendidas como instâncias criadoras, etapas do poder humano de pôr a sua imaginação em ação. Desta forma, não se referem à imitação, mas sim à apropriação de um mundo em comum. A pré-figuração se constitui como a própria vivência da experiência, limitada histórica, geográfica e socialmente. A experiência

se refere a um campo de sentido em comum, uma semântica comum, compartilhada em um campo prático que forma os referenciais dos autores e dos leitores.

Esta etapa antecede o ato de narrar, próprio à segunda mimese, a configuração. Impulsionada pela necessidade de comunicar, pela busca por dizer, cabe a esta instância o recorte, a organização e a correlação entre formas e experiências. Caracteriza-se pela construção de um sentido compreensível aos agentes que compartilham os mesmos significantes. Este seria o mundo do texto e dos sentidos comungados, no qual as intrigas se elaborariam. Neste momento narrativo, encontramos o ato de nomear, de identificar e diferenciar.

Na mimese 1, os elementos são reconhecidos, mas não há a atribuição de sentido. Os arranjos se estabelecem na mimese 2, na qual a intriga narrativa estabelece a comunicação que possibilita a mimese 3, a refiguração desses sentidos. Nesta última instância, se estabelece a reapropriação e a (re)criação desses sentidos, ao lado do ato de autoria se estabelece o ato leitor, com a tarefa de interpretar e realocar os arranjos de sentido. O diálogo proporcionado pelo ato de comunicar permitiria a apropriação dos sentidos e a criação de novas relações semânticas. Compreendemos que, desta forma, se estabelece o mover das percepções e o alargamento dos limites culturais.

METODOLOGIA

Após vivenciar o desenvolvimento do Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) durante a disciplina de Seminários Temáticos: Pesquisa (auto)biográfica, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC, no primeiro semestre de 2019, elaboramos uma proposta de CRB para o grupo Phylos. Com o auxílio do coordenador e regente do grupo, o professor-artista Fabrício Maciel, apresentamos a proposta ao grupo e solicitamos que escolhessem 4 participantes para o CRB. A estes, se juntou uma ex-professora estagiária, que procurou o coral Phylos para conhecer mais sobre música cearense. Aos poucos, durante o mês de julho de 2019, o grupo se formou.

A estrutura prevê que os encontros do CRB tenham 4 etapas (OLINDA, 2018): 1. acolhida, onde se indica que seja realizada uma atividade para a aproximação do grupo; 2. presentificação, momento para direcionar a atenção ao momento presente; 3. biografização, etapa para a elaboração da narrativa biográfica do dia; 4. integração experiencial, finalização com avaliação do encontro. Ao elaborar a proposta direcionada para jovens entre 15 e 25 anos, decidimos incluir o espaço virtual e considerar as mídias digitais para a produção das atividades. Assim, em parceria com o Grupo de Estudo sobre Educação On-line e Aberta (GEEONA),

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

vinculado ao laboratório de Pesquisa Multimeios (LabMM), estruturamos um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) como sala de aula on-line do nosso CRB musical (CRBM).

Planejado para ter 4 encontros presenciais e 3 encontros a distância, além do AVA, estruturado na plataforma Moodle, utilizamos um grupo no WhatsApp, o qual foi o primeiro espaço de encontro entre o pesquisador e os colaboradores. Cada encontro presencial possui atividades sugeridas no AVA. Por exemplo, toda semana é aberto um fórum intitulado Caixa de Música, no qual todos compartilham as músicas que desejarem. As atividades propõem que as narrativas possam ser elaboradas com o uso de outras linguagens para além da oralidade presencial e do texto escrito. O CRBM é estruturado em torno de uma pergunta geradora: como descobri que poderia fazer música? Cada encontro, por sua vez, possui uma pergunta que desdobra a pergunta guarda-chuva. Por se tratar de um grupo que produz a partir de uma estética considerada cearense, o dispositivo foi produzido com elementos que possibilitem uma relação e questionamento com o que seria culturalmente considerado local.

O CRBM foi organizado da seguinte maneira:

Etapa	Temática	Objetivos	Encontro	Recursos
Ambientação	Acordo biográfico	Familiarizar os participantes no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e estabelecer os acordos para o trabalho coletivo.	AVA e WhatsApp	Fóruns e ferramenta Wiki (texto coletivo)
1º Encontro Por que contar a minha história?	Motivações para estarmos no CRBM	Apresentar a estrutura do CRBM e discutir as motivações para narrar a própria história.	Presencial com atividades a distância	Garrafas, areia colorida, cartolina, tesoura, cola, papel ofício e fóruns virtuais
2º Encontro O meu objeto musical: onde e com quem posso praticar e aprender música?	Experiências fundadoras do interesse musical	Identificar as experiências fundadoras do desejo de aprender música. Como também, reconhecer os espaços e as pessoas envolvidas nesse processo.	Presencial com atividades a distância	Objetos levados pelos participantes, garrafas, areia colorida e fóruns virtuais

3º Encontro Narrativa oral: como descobri que poderia fazer música?	Narrativa oral	Elaborar narrativa oral sobre como descobriu que poderia fazer música e quais foram os direcionamentos dados a essa vontade.	Presencial com atividades a distância	Fóruns virtuais e quiz
4º Encontro Escuta de si	Observação da narrativa	Escutar, ler e observar a própria narrativa.	A distância	Fóruns virtuais, áudio e texto (transcrição da narrativa oral)
5º Encontro Colaboração biográfica	Leitura da história do outro	Ler as histórias dos colegas e contribuir para a edição do texto.	A distância	Fóruns virtuais
6º Encontro Biografia educativa musical	Síntese biográfica	Edição textual da própria narrativa e produção de obra artística síntese da própria história.	A distância	Fóruns virtuais e ferramenta Wiki (produção textual individual)
7º Encontro Apresentação das sínteses biográficas	Compartilhamento biográfico	Compartilhamento das produções artísticas.	Presencial com atividades a distância	Computador, som, papel ofício e diário on-line

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No dia 21 de setembro, um sábado à tarde, iniciamos os encontros presenciais do CRBM. Mesmo com o acesso ao ambiente virtual liberado desde o mês anterior, como etapa para a ambiência no espaço, até aquela semana, pouca interação havia sido realizada na sala virtual. Contudo, devido, principalmente, à troca de mensagens no aplicativo WhatsApp, não erámos completamente desconhecidos e afastados. Antes do primeiro encontro, fomos três vezes à escola, duas para encontrar com o grupo. A terceira ida à escola foi para conversar com a direção sobre a proposta do CRBM. Em nenhum dos encontros anteriores ao dia 21, estivemos com todos os participantes-colaboradores.

A aproximação virtual possibilitou iniciar o processo de nos identificarmos como grupo, mas foi no primeiro encontro presencial que os vínculos e o envolvimento com a proposta começou a se fortalecer. Isso se deu, para além do contato físico, pelo fato de estarmos todos reunidos ao mesmo tempo para realizar atividades com aqueles objetivos. Com o avançar do

CRBM, interpretamos que o maior desafio para a realização da sua etapa virtual seja a sua inserção na rotina dos participantes. Percebemos assim, que esta estruturação do dispositivo possibilitará observarmos facilidades, limites e oportunidades do contexto para o desenvolvimento de propostas educacionais não presenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma pesquisa em andamento, publicamos este texto como discussão inicial sobre a estruturação do dispositivo de pesquisa. Nossa pergunta de partida nos provoca a buscar uma maior proximidade com o contexto pesquisado, para assim compreender as práticas culturais dos seus agentes. Esse objetivo nos levou a um posicionamento epistemicopolítico que implicou na escolha da abordagem teórica e no desenvolvimento dos procedimentos de campo. Compreendemos que, para aprofundar e permitir uma real visão desse contexto, é preciso possibilitar que os sujeitos e as práticas se apresentem de forma não dependente do nosso inquérito.

Desta forma, para nos inserirmos no contexto, estruturamos o dispositivo como uma proposta educacional que possui intencionalidade formativa e que, portanto, necessita que o pesquisador proporcione uma ambiência formativa. Com isso, mais que a inserção no contexto, o dispositivo possibilita que o investigador esteja ativamente em processo de (auto)formação como docente e como pesquisador. Assim, concluímos que o dispositivo permite que todos os participantes, mesmo a partir de lugares distintos, sejam participantes-facilitadores ou participantes-colaboradores, se constituam como aprendizes.

Ressaltamos que o CRBM não propõe um conteúdo formativo, mas sim uma ambiência estruturada a partir de perguntas geradoras que possibilitam a elaboração desse conteúdo. Como um ateliê biográfico, as atividades são pontos de partida para a elaboração autobiográfica dos participantes.

REFERÊNCIAS

ASIHVIF, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DAS HISTÓRIAS DE VIDA EM FORMAÇÃO. Carta da ASIHVIF: nossa carta. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**. Salvador, v. 01, n. 01, p. 177-179, jan./abr. 2016.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **Esboço de autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

COOPAT, Carmen María Saenz; AZEVÊDO, Isaura Rute Gino de. O ensino de música no Brasil: legislação *versus* realidades. In.: ALBUQUERQUE, Luiz Botelho; ROGÉRIO, Pedro. **Educação musical: campos de pesquisa, formação e experiências**. Fortaleza: Edições UFC, 2012

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método autobiográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 31-58.

OLINDA, Ercília. Círculo reflexivo biográfico: dispositivo de pesquisa e formação. In.: **Anais do IV Congresso internacional de pesquisa (auto)biográfica**. São Paulo, 2010.

_____. **Uma santa na penumbra: razões entrecruzadas para o isolamento da beata Maria de Araújo na história e na prática pedagógica do ensino fundamental**. Tese defendida para o título de professora titular da Universidade Federal do Ceará. 2018.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** – Tomo 1. Campinas: Papyrus editora, 1994.

SILVA, Marcos Antônio Nunes da. Música cearense através do canto coral: estudo de caso com o grupo Phyllos. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação Profissional em Artes, Fortaleza, 2016.